



paz no plural

## XII SALÃO DE ENSINO

12 a 16 de setembro  
Campus do Vale - UFRGS



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2016: XII SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
<b>Ano</b>	2016
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Intercâmbio em Londres - Ciências sem Fronteiras
<b>Autor</b>	LUCAS CANZI AMES

**RESUMO:** Intercâmbio representa uma oportunidade ímpar para crescimento pessoal e acadêmico. Meus interesses sempre permearam estudar em países com instituições de ensino reconhecidas como as melhores do mundo, com especial interesse por Estados Unidos e Inglaterra. Entendo que a língua inglesa é a língua comum entre as nações e, apesar das críticas à americanização, dominar seu uso é primordial para quem possui ambições de expandir não só seu conhecimento teórico, mas colocá-lo em prática. Hoje em dia é possível adquirir informações de ponta sem precisar sair do Brasil, principalmente devido à internet, mas também por possuímos bons materiais didáticos, livros e pessoas inteligentes no nosso país, apesar de tão atrasado em termos de educação. Viver e estudar no exterior, no entanto, traz desafios que podem resultar em aprendizados tão únicos e positivos que só é possível compreendê-los de fato quando se deixa de fato o país de origem. Ler sobre a Europa traz conhecimentos bastante especiais ao bom leitor (minoria dos leitores brasileiros), mas morar nela traz aprendizados mais difíceis de se encontrar em livros, em geral bastante positivos para o crescimento pessoal. Na minha experiência estudando durante 1 ano em Londres, pude constatar que generalizar que universidades londrinas são excelentes é tolice como qualquer generalização. É importante destacar isso devido à comum idealização que se faz de universidades estrangeiras. A infraestrutura das universidades londrinas é em geral bastante superior à das universidades brasileiras. No entanto, a carga horária é em geral menor e isso atrapalha alunos menos disciplinados que dependem de mais horas dentro de sala de aula para de fato aprender. Os professores, na minha visão, são em média superiores aos brasileiros nos quesitos quantidade e qualidade de conhecimento, didática e postura profissional. Quanto aos alunos, nota-se uma interessante diferença em relação ao Brasil: as universidades londrinas, da mesma forma que as europeias em geral, são significativamente mais internacionalizadas, com alunos de todas as partes do mundo, em quantidade relativamente alta. Em todas as turmas em que tive aula, menos de 10% dos alunos eram ingleses. Isso traz uma oportunidade de troca de culturas bastante positiva, algo ainda bem mais restrito no Brasil. Considera-se o Brasil bastante heterogêneo, mas heterogeneidade de fato é cruzar por no mínimo 10 nacionalidades diferentes quando se vai de metrô da sua acomodação até a universidade. Morar especificamente na Europa traz a melhor oportunidade possível de se conhecer diversos países em um curto período de tempo. Por ser menor que o Brasil, é mais fácil conhecer esse continente inteiro do que explorar todo nosso país. E esse conhecimento de diferentes espaços e culturas faz muita diferença na experiência do intercâmbio. Crescer academicamente e profissionalmente é inseparável do amadurecimento pessoal. São novas experiências de vida que possibilitam conhecer caminhos melhores a serem trilhados e tomar decisões de forma mais madura e consciente. Ponderar de maneira sensata sobre nossas condutas faz toda a diferença nos resultados delas sobre nós mesmos e sobre os outros envolvidos. Conheci pessoas de quase todas as partes do mundo e conheci diferentes instituições de ensino em diversos países. Essa vivência reforçou minha ideia de que o conhecimento individual está mais atrelado ao esforço pessoal do que à instituição ou à cultura em si. Conheci brasileiros extremamente inteligentes e ingleses limitados. Conheci ingleses extremamente inteligentes e brasileiros limitados. O mesmo vale para americanos, japoneses, chineses, australianos, canadenses, turcos, argentinos, espanhóis, portugueses, chilenos e várias outras nacionalidades que conheci. Volto ao Brasil com a consciência de que pode-se adquirir conhecimento de ponta dentro de nossas universidades. No entanto, criar conhecimentos no nosso país é mais desafiador. Inovar no Brasil é mais difícil em relação a Londres e Europa em geral pois os baixos investimentos em educação e pesquisa limitam muito o avanço nesse setor. Acredito que ideias como o Ciências sem Fronteiras são mais propícias a países que já superaram os problemas de baixa qualidade da educação básica. Entendo que não é prioritário investir em alunos medíocres (na média) que estão no ensino superior enquanto as escolas públicas e mesmo privadas são na grande maioria de péssima qualidade. Há no Brasil a ideia de que quem chega à faculdade é inteligente e, quando formado, está qualificado para exercer sua respectiva atividade profissional. No entanto, apesar de ser a elite intelectual do país, os estudantes de ensino superior brasileiros apresentam uma base de conhecimento bastante fraca, resultado da fraca educação básica. Investimentos em educação como realizados pelo governo Coreia do Sul a partir de 60 mostram que educação básica modificam positivamente e significativamente as estruturas da sociedade, com menores índices de criminalidade, corrupção e melhores índices de desenvolvimento humano. O investimento no programa Ciências sem Fronteiras pode trazer bons retornos à sociedade brasileira, mas não deve ser prioritário em relação à educação básica. Particularmente, tive oportunidade de participar de excelentes eventos, em especial de áreas de meu interesse, como simpósios de Neurociências e Psiquiatria nas Universidades de Oxford, Cambridge, Imperial College e King's College. Tenho certeza que já no curto e, principalmente, no médio e longo prazo poderei retribuir à sociedade brasileira o investimento que recebi para participar do programa.